

## Artigo

# GIUSEPPE CAMBIANO E O TORNAR-SE HOMEM NO MUNDO GREGO

Por Danielle Guedes dos Santos e Manoela de Gusmão Boareto

**RESUMO:** Os gregos antigos conceberam sua visão de mundo pautada nas crenças simbólicas que expressavam as representações dos desejos dos deuses e da herança de seus ancestrais. Como fatores necessários a inserção dos jovens em sociedade, os ritos de passagem e as etapas para se tornar homem na Grécia Antiga, diferiam para homens e mulheres. A primeira questão a ser superada é a sobrevivência ao parto e os primeiros anos de vida do recém-nascido, visto que as condições precárias de higiene e péssima alimentação proporcionavam altas taxas de mortalidade infantil. A partir disso, o presente artigo versa em analisar o discurso do autor Giuseppe Cambiano, na obra de Jean-Pierre Vernant intitulada *"O HOMEM GREGO"*, estabelecendo que suas considerações sobre "tornar-se Homem" para os gregos, requeriam uma intensa preparação do corpo e da intelectualidade como formas de encontrar e ocupar seu espaço dentro do grande *oikos* social pré-estabelecido pelo toque dos deuses em seu destino.

**Palavras-Chave:** Atenas – Esparta – Ritos de Passagem – Vida Adulta – Mundo Grego – Grécia.

## Introdução:

*"Um homem que, desde a infância até à idade adulta, segue um percurso obrigatório de provas e de etapas para se tornar homem no sentido pleno do termo, em conformidade com o ideal grego da realização do ser humano."*<sup>1</sup>

**T**ornar-se Homem no mundo grego, correspondia a percorrer etapas em sua caminhada ao amadurecimento. De fato, sobreviver ao parto e aos primeiros anos de vida, era condição necessária para alcançar esse objetivo

de formação física e intelectual, visto que, como em qualquer outra sociedade antiga a mortalidade infantil era preocupante, "não rara na Grécia antiga, devido a partos prematuros ou irregulares e depois a doenças derivadas da alimentação inadequada ou da falta de higiene"<sup>2</sup>.

*"Nascer em boas condições físicas permitia escapar à eliminação, a que não se hesitava em recorrer no caso de deformidades, que eram sentidas pelos pais e por toda a comunidade como uma espécie de castigo divino de mau augúrio."*<sup>3</sup>

<sup>1</sup> CAMBIANO, Giuseppe. *TORNAR-SE HOMEM*. IN: VERNANT, Jean-Pierre. *O HOMEM GREGO*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa, Editorial Presença, 1994, p. 7.

<sup>2</sup> Ibid, idem, p. 77.

<sup>3</sup> Ibid, idem, p. 77.

Em alguns casos, nem mesmo a forma física saudável era garantia para que o pequeno indivíduo fosse eliminado. Segundo Cambiano, em Esparta as crianças recém chegadas ao mundo que tinham deformidades, eram eliminadas após uma decisão dos membros mais



*Giuseppe Cambiano*

velhos da família ao qual o pai da criança pertencia<sup>4</sup>. Em Atenas, essa eliminação poderia ser utilizada através da exposição dos “indesejáveis”, cabendo ao pai optar por esse ato, podendo ocorrer “num vaso de barro ou noutro recipiente, longe de casa, muitas vezes em locais áridos, fora da cidade, onde podia morrer de fome ou dilacerado pelas bestas”<sup>5</sup>, sendo lançada a sua própria sorte por trazer uma “marca”, um sinal de insatisfação dos deuses para com aquela família. Ou até mesmo por representar um risco para o patriarca, como ocorre no mito<sup>6</sup> de Édipo<sup>7</sup> presente na tragédia grega de Sófocles<sup>8</sup>, onde este seria o responsável pela morte de seu pai Laio.

Como estabelecimento de parte dos ritos de passagem para inserção na vida grega, a

transmissão de conhecimentos dava-se de pai para filho ou do mestre para o discípulo. As práticas ou aprendizagens eram fundamentais para a separação entre os filhos dos pobres e dos ricos. Enquanto os filhos de membros da

aristocracia “entravam mais cedo para a escola e saíam mais tarde”<sup>9</sup>, recebendo uma alta gama de instruções voltadas para as ciências e filosofia, a fim de exercer funções do magistrado e participação corrente na vida política, tornar-se homem para os cidadãos mais pobres consistia no “desempenho de actividades artesanais ou com o trabalho no campo”<sup>10</sup>, tendo como oficina o espaço de sua casa onde “se procedia a transmissão dos segredos do ofício”<sup>11</sup>.

A diferenciação entre os sexos, também marcam as concepções acerca do determinante da vida adulta. Para as mulheres “de uma forma geral e, sobretudo, em Atenas, uma mulher estava integrada na cidade não como cidadã, mas como filha ou mulher de um cidadão”<sup>12</sup>, tendo em vista

<sup>4</sup> Ibid, idem, p. 77.

<sup>5</sup> Ibid, idem, p.78

<sup>6</sup> Fonte: Sófocles, Édipo Rei (Tragédia Grega Clássica). Filho do rei Laio e da rainha Jocasta de Tebas. Ao saber pelo oráculo que seu filho Édipo o mataria quando crescesse, Laio ordenou que o pequeno Édipo fosse abandonado à própria sorte em uma montanha com um prego fixado em seus tornozelos. O servo de Laio designado para isso acabou entregando o bebê para um pastor corinto, que levou Édipo até o casal real de Corinto, Políbio e Mérope, criando Édipo como seu filho legítimo. Édipo ao crescer, consultou o oráculo de Delfos, dizendo a Édipo que o mesmo estaria destinado a desposar sua mãe, gerando filhos profanos e matar seu pai. Édipo confuso foge de Corinto. Resolveu ir para Tebas, mas na verdade, Édipo não sabia que ali se concretizaria sua profecia. Em uma briga na entrada da cidade, Édipo mata um idoso que tentará goleá-lo, bem como seus servos, sobrevivendo apenas um, que avisou a cidade sobre a morte do rei Laio pelo viajante. Após enfrentar a Esfinge e seu enigma, Édipo saiu vencedor e a Esfinge se matou. Os cidadãos de Tebas proclamaram Édipo seu novo rei e ele

acabou por se casar com a rainha viúva Jocasta, que era sua mãe.

<sup>7</sup> MULROY, David. *Entre Deuses e Heróis: as origens da mitologia*. Tradução de Marcello Borges. São Paulo, Cultrix Editora, 2015, p. 102.

<sup>8</sup> Sófocles (c.497 -405 a.C), filho de Sofilos, nascido em Colono nas proximidades de Atenas. Fez grande sucesso ao longo do século V, representando em suas peças trágicas o universo que rodeava a Atenas desse período. Dentre suas 115/130 obras, restaram apenas 7 obras trágicas completas: Ajax (a mais antiga conservada), Antígona (c. 442 a.C), As Tranquinianas, Édipo Rei (c. 427 a.C), Electra (c. 427 a.C), Filoctetes (c. 409 a.C) e Édipo em Colono (representação póstuma 401 a.C), das demais obras e peças restam somente fragmentos. THIERCY, Pascal. *Tragédias Gregas*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre:L&PM, 2011, p.20.

<sup>9</sup> CAMBIANO, 1994, p. 80.

<sup>10</sup> Ibid, idem, p. 80.

<sup>11</sup> Ibid, idem, p. 80.

<sup>12</sup> Ibid, idem, p. 81.

que “a passagem à idade adulta era marcada pela etapa decisiva do matrimônio”<sup>13</sup>, apenas transferindo a tutela feminina do pai para o marido. Em Atenas do período clássico, a educação das jovens ficou restrita às mães ou parentes mais velhas do mesmo sexo, ficando responsáveis para transmitir os ensinamentos da vida diária, as histórias do seu povo e as práticas religiosas, pois não existiam escolas para crianças e adolescente do sexo feminino<sup>14</sup>.

“Esparta tinha assumido para vários intelectuais o papel de modelo de cidade capaz de preparar melhor os jovens para a guerra”.<sup>15</sup> Para os jovens do sexo masculino em Esparta, tornar-se homem se configurava na preparação de sua consciência para a guerra, bem como na sua resistência física e desligamento de sua família. “Eram as armas e não as mães que os educavam, não os enfaixando e habituando-os a uma alimentação austera, a não terem caprichos e a não temerem a escuridão e a solidão”<sup>16</sup>, desta forma podemos notar a rigidez e frieza ao qual os jovens espartanos eram acondicionados, destacando a entrada na fase adulta ainda muito novos, acerca dos 7 anos de idade, quando ocorria a viagem<sup>17</sup> que os estabeleceria como homens de fato, colocando os rapazes agrupados para que pudessem provar sua força, habilidades em combate e sobrevivência.

Partindo das análises estabelecidas anteriormente, o presente trabalho pretende analisar as diferentes formas de estabelecimento do princípio grego de tornar-se homem de fato na antiguidade, tendo como base de análise o livro *“O Homem Grego”* de autoria de Jean-Pierre Vernant,

especificamente o capítulo III intitulado *“Tornar-se Homem”*, que leva a assinatura do Historiador e Filósofo Giuseppe Cambiano<sup>18</sup> especialista no estudo da História Antiga no campo cultural, na filologia e literatura antiga.

### ***A preparação para a vida adulta:***

*“Entre finais do século VIII e início do século VII a. C. a distância entre a criança e o adulto era também realçada pelo facto de os mortos, até aos dezesseis anos, serem inumados, e os adultos serem incinerados, sujeitando-se portanto a um processo que marcava a sua passagem da natureza para a cultura.”<sup>19</sup>*

Revelando as diferentes formas de trato com a morte diante da idade do falecido, deixando informações sobre os diferentes tipos de passagem da vida para a morte na Grécia Antiga, Giuseppe Cambiano historiador italiano fala da passagem que marcava o fim da vida. Desta forma podemos perceber a diferença de tratamento para aqueles que não passaram por rituais de transição comuns na época, entre a infância e a fase adulta. “Na Grécia antiga, tornar-se homem não equivalia apenas a tornar-se adulto”<sup>20</sup>, ocorriam rituais de passagem que por vezes estavam ligados à origem do jovem.

“Em Atenas, isso tinha sido sancionado por uma lei proposta por Péricles, em 451-450 a. C., segundo a qual só os filhos de pais atenienses é que podiam usufruir do direito de cidadania”<sup>21</sup>. Os rituais de passagem tinham grande importância para a visibilidade social e aceitação do jovem no meio em que o mesmo vivia. Os jovens que não tinham

<sup>13</sup> Ibid, idem, p.81.

<sup>14</sup> Ibid, idem, p. 83.

<sup>15</sup> Ibid, idem, p. 85.

<sup>16</sup> Ibid, idem, p.85

<sup>17</sup> Ibid, idem, p.85.

<sup>18</sup>

<http://www.accademiadellescienze.it/accademia/soci/giusep pe-cambiano> Consultado em 29 de julho de 2016.

<sup>19</sup> Ibid, idem, p. 77.

<sup>20</sup> Ibid, idem. p. 78.

<sup>21</sup> Ibid, idem. p. 78.

origem cidadã eram excluídos dos locais de acesso dos ritos e aos escravos a iniciação era erradicada.

*“Nas cidades gregas, ser escravo significava ser-se excluído da participação na vida política, privado de muitos direitos civis, de uma grande parte das festas religiosas da cidade, e também das palestras e dos ginásios, onde se procedia a educação dos futuros jovens cidadãos. Para um escravo tornar-se adulto não implicava um salto qualitativo ou uma preparação gradual, como acontecia com os filhos dos cidadãos livres.”<sup>22</sup>*

O estabelecimento da educação e o acompanhamento do desenvolvimento do *efebos* só era permitido aos cidadãos. Para os cidadãos mais pobres a iniciação em um ofício era uma forma de ritual de passagem. Essa atividade era por vezes a profissão que o mesmo iria desenvolver ao longo de sua vida. “As atividades artesanais não estavam exclusivamente nas mãos dos escravos; muitos estrangeiros e também cidadãos, sobretudo menos abastados, que se dedicavam a essas actividades”<sup>23</sup>. Entre os escravos e *metecos* o trabalho era uma forma de entrada no universo dos adultos.

*“Como acontecia com os escravos e os metecos a aprendizagem precoce tendia a separar os filhos dos cidadãos pobres das crianças da sua idade para os inserir de imediato num mundo adulto, sem percorrer ou percorrendo apenas limitadamente um itinerário gradual de integração no tecido social, político e militar.”<sup>24</sup>*

Em Esparta o trabalho laboral ficava com os *hilotas* (servos) e com os *periecos* (estrangeiros). O ensino em alguma atividade laboral era uma forma de educação para os menos abastados, além de ser um acesso como adulto.

Os rituais de passagem entre os sexos eram bem distintos, no caso da mulher, o desenvolvimento dos ritos pode ser observado dentro de uma esfera de

afazeres domésticos, cuja participação no meio adulto das jovens e da própria mulher enquanto adulta pode ser analisado na seguinte passagem:

*“Desde o nascimento que as jovens passavam grande parte da sua vida em casa, entregues aos cuidados da mãe ou das escravas. A urbanização crescente, a partir da criação da polis – (...) –, tinha provocado uma transferência sensível das actividades da mulher para o interior da casa, reservando para os homens a possibilidade de se movimentar livremente no espaço exterior. Só as mulheres mais pobres é que eram obrigadas a sair de casa para irem trabalhar nos campos ou como vendeiras. Em casa, as jovens aprendiam desde muito cedo a fiar e a cozinhar. As festas religiosas da cidade eram a única oportunidade de saída, dado que os simpósios eram proibidos a mulher que não fossem cortesãs, bailarinas ou flautistas.”<sup>25</sup>*

A mulher mesmo livre era dependente e tutelada por um homem, desta forma os rituais de passagem femininos estão ligados ao casamento e a religião.

*“Assim, todos os anos, durante as Arreforias, duas raparigas de família nobre, entre os sete e os onze anos, começavam, cerca de nove meses antes das Panateneias, a tecer o peplo, que nessa ocasião, seria oferecido a Atena”<sup>26</sup>.*

As *Arreforias* eram festas religiosas realizadas em honra da deusa Atena, nas quais as jovens serviam durante um certo período no templo da deusa e teciam sua túnica chamada *peplo*. Antes das *Panateneias*, festas que tinham como objetivo também honrar Atena e nesse evento era comum atividades voltadas para o atletismo. Esses eventos são ligados as rituais de passagem comuns as jovens atenienses.

O casamento era outro grande ritual de passagem no mundo grego para a mulher, em Atenas a jovem passava da casa do pai para a casa do esposo. Tornar-se adulta, deixar de ser *parthenos*, significava converter-se em esposa e mãe potencial de futuros cidadãos do sexo masculino, o

<sup>22</sup>Ibid, idem. p.79.

<sup>23</sup>Ibid, idem. p. 80.

<sup>24</sup>Ibid, idem. p. 81.

<sup>25</sup>Ibid, idem, p. 82.

<sup>26</sup>Ibid, idem, p. 82.

matrimônio era algo esperado na vida das mulheres, casando-se cedo e com homens mais velhos. A falta de educação é algo levantado pelo autor no texto segundo Xenofonte<sup>27</sup> como justifica para o casamento precoce entre as meninas.

Em Esparta, as jovens recebiam uma educação semelhante à educação ofertada aos meninos:

*“(...) as crianças do sexo feminino, tão bem alimentadas como as do sexo masculino, mais do que serem ensinadas a tecer e a cozinhar, que seriam sempre ocupações de escravas, não de mulher, eram desde muito cedo ensinadas a exercitar-se, nuas e na presença dos homens, na corrida, na luta, no arremesso do disco e do dardo”<sup>28</sup>.*

O casamento em Esparta era imposto na sociedade, deveriam ter filhos e a convivência entre o casal tinha como único propósito a geração de filhos, seguem no texto algumas informações sobre o casamento espartano.

*“O matrimônio era algo considerado obrigatório, como condição essencial para a reprodução dos futuros soldados (...) mesmo após as núpcias, e até cerca dos trinta anos, o marido não convivia com a mulher, mas como também acontecia em Creta, fazia a vida com membros de sua classe etária e só tinha com a esposa encontros casuais com fins procriativos”<sup>29</sup>.*

O homem espartano não mantinha muito contato com a sua esposa, as suas relações sociais eram entre homens, ou seja, com os iguais e as relações sócias espartanas eram praticas comum no mundo grego. Incluindo o processo de iniciação na vida adulta.

*“A prática dos syssition era corrente no mundo grego; está também documentada em Mileto, Turis, Mégara, Tebas e noutras cidades, entre as quais, e em especial, Creta, onde a*

*homossexualidade desempenhava uma função essencial na passagem para a idade adulta.”<sup>30</sup>*

A atividade denominada *syssition*, está relacionada com a iniciação do jovem por um homem mais velho nas práticas sexuais, essa pratica também é chamada de Pederastia e era praticada em toda a Grécia. A relação homossexual tinha um importante papel na vida social dos homens gregos



**EFEBO de Kritios, h. 480 a.C**

“a dimensão pedagógica da relação homossexual

<sup>27</sup> Xenofonte (em grego antigo: Ξενοφών, transl.:Xenophōn; ca. 430 a.C. — 355 a.C.) foi soldado, mercenário e discípulo de Sócrates. Ele foi autor de inúmeros tratados práticos sobre assuntos que vão desde equitação a tributação, ficou

conhecido pelos seus escritos sobre a história do seu próprio tempo e pelos seus discursos de Sócrates.

<sup>28</sup>Ibid, idem, p. 83.

<sup>29</sup>Ibid, idem, p. 86.

<sup>30</sup>Ibid, idem, p.87.

contribuía para a sua formação moral e intelectual.”<sup>31</sup>

Em Atenas e em outros lugares da Grécia além de centros de formação como ginásios os filhos dos cidadãos livres frequentavam “o *didaskaleion*, a escola, onde aprendiam a ler e a escrever”<sup>32</sup>, desta forma a educação como hoje conhecemos teve seu início na Grécia antiga onde as podiam ir à escola. O órfão tinha os seus estudos custeados por um tutor, órfão na Grécia antiga é aquele que não tem pai<sup>33</sup> e no caso das crianças que perdiam seus pais em guerra a cidade de Atenas os mantinha até a fase adulta, “os únicos órfãos privilegiados eram os filhos dos que tinha morrido na guerra, para os quais Atenas tinha determinado a partir de meados do século V a. C., que fossem mantidos e educados”.<sup>34</sup>

O serviço militar era a forma de dar início ao “ingresso de pleno direito na cidadania”<sup>35</sup>, mas o ginásio ainda era o principal centro de vida dos efebos. “Nesses ginásios, porém, não se praticava apenas a ginástica; havia também aulas e conferencia de filósofos, mestres de retórica, e por vezes também de médicos”.<sup>36</sup>

No século V a. C., os sofistas surgem como um novo modelo de instrutor. “Não se dedicavam a um ensino regular e contínuo”<sup>37</sup>, os sofistas tinham como prática dar aulas em público visitando cidades ao longo de suas atividades. Entre o século IV e III a. C. surge o filósofo como um “novo modelo de homem”<sup>38</sup>, fazendo uma comparação com o cidadão e com o *hoplita*. Esse novo modelo de

educador traz a figura de Platão<sup>39</sup>, que fala da diferente forma de educação de acordo com o sexo.

*“(...) homens e mulheres percorriam um itinerário educativo comum, para desempenharem, como adultos, as mesmas funções: isso era válido não só para a música e a ginástica, mas também para o treino militar e para a preparação filosófica. Nas Leis, a diferença mais salientar entre os dois sexos parecia consistir no facto de as mulheres se casarem pelo menos dez anos mais cedo do que os homens e ascenderem aos cargos públicos dez anos mais tarde, por volta dos quarenta anos.”*<sup>40</sup>

Embora a filosofia tenha permanecido como prática masculina existem documentos que informam a presença feminina em alguns centros filosóficos como na escola de Epicuro e na escola dos Cínicos. A *paideia* que tem como pergorrativa formar o homem adulto, “caracterizado pela plena racionalidade e pela estatura erecta”<sup>41</sup>, logo o processo de maturação de corpo e mente era necessário para o desenvolvimento do homem. Diferentes escolas filosóficas e práticas educativas ao longo do tempo na Grécia Antiga influenciaram o tornar-se homem do jovem grego. A filosofia e a retórica foram práticas educativas de grande influência no mundo grego chegando até os romanos.

---

**Danielle Guedes dos Santos** é Pós-Graduada em História Antiga e Medieval pela UERJ. Graduada em História pelas Faculdades Integradas Simonsen. Pesquisadora pelo Centro de Memória Realengo Padre Miguel (2015-2016). **Manoela de Gusmão Boareto** é Pós-Graduada em História Antiga e Medieval pela UERJ. Pós-Graduada em História da Igreja pela São Bento do Rio de Janeiro. Graduada em História pela Universidade Gama Filho. Graduada em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pesquisa Solo Cristo.

---

<sup>31</sup>Ibid, idem, p. 91.

<sup>32</sup>Ibid, idem, p. 91.

<sup>33</sup>Ibid, idem, p. 88.

<sup>34</sup>Ibid, idem, p. 91.

<sup>35</sup>Ibid, idem, p. 93.

<sup>36</sup>Ibid, idem, p. 94.

<sup>37</sup>Ibid, idem, p. 95.

<sup>38</sup>Ibid, idem, p. 97.

<sup>39</sup>Foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental.

<sup>40</sup>Ibid, idem, p. 98.

<sup>41</sup>Ibid, idem, p. 99.



**Bibliografia:**

CAMBIANO, Giuseppe. *TORNAR-SE HOMEM*. IN: VERNANT, Jean-Pierre. *O HOMEM GREGO*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa, Editorial Presença, 1994.

MULROY, David. *Entre Deuses e Heróis: as origens da mitologia*. Tradução de Marcello Borges. São Paulo, Cultrix Editora, 2015.

THIERCY, Pascal. *Tragédias Gregas*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2011.

**Sites Consultados:**

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Panteneias>. Consultado em 14/07/2016.

<https://dityelas.blogspot.com.br/2012/09/arreforias.html> Consultado em 14/07/2016.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Xenofonte> Consultado em 14/07/2016.

[www.thefreedictionary.com/syssitia](http://www.thefreedictionary.com/syssitia) Consultado em 14/07/2016.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Platão> Consultado em 14/07/2016.

<http://www.accademiadellescienze.it/accademia/soci/giuseppe-cambiano> Consultado em 29/07/2016.

